

Teatro e Saúde: Peça Itinerante Engaja Jovens na Prevenção da Aids

*Theater and Health: an itinerant play
engaging young people in Aids Prevention*

Carolina Habergriç Folino

ORCID: [0000-0003-3086-1875](https://orcid.org/0000-0003-3086-1875)

Carla Almeida

ORCID: [0000-0003-3139-0331](https://orcid.org/0000-0003-3139-0331)

Resumo

Atividades teatrais com motes científicos têm se tornado prática cada vez mais comum na divulgação científica, alcançando novos espaços e públicos. No Brasil, uma parcela significativa dessa prática acontece em museus e centros de ciência. No Museu da Vida/Fiocruz, por exemplo, o teatro integra organicamente a programação de atividades oferecida aos visitantes. Em 2015, face ao aumento no número de casos de HIV/Aids entre jovens, o museu desenvolveu uma atividade teatral para engajar esse público no debate sobre o tema. Com o objetivo de analisar o potencial da peça *O rapaz da rabeca e a moça Rebeca*, seguida de debate, como estratégia de divulgação científica, visitamos quatro escolas em que o espetáculo fora apresentado cerca de seis meses antes e realizamos 25 entrevistas e oito grupos focais com um total de 72 estudantes que haviam participado da atividade. Os resultados indicam que a iniciativa foi bem-sucedida como estratégia de divulgação científica, uma vez que se conectou com a realidade dos jovens, agradou-os em diferentes aspectos e estimulou – em alguns casos – reflexões e conversas sobre o tema das IST, do HIV/Aids e da sexualidade, entre os estudantes e entre eles e seus professores e familiares.

Palavras-chave: Divulgação científica. Engajamento público na ciência. Ciência e teatro. HIV/Aids. Jovens.

Abstract

Theatrical activities using scientific themes have become an increasingly common practice in Science Communication, reaching new audiences and spaces. In Brazil, a significant portion of this practice takes place in spaces such as science centers and museums. The Museum of Life at Fiocruz is an institution where theater organically integrates the activities program offered to visitors. In 2015, due to an increased number of HIV/Aids cases amongst young people, the museum developed a theatrical activity aiming at engaging teenagers in the debate about the topic. With the goal of analyzing the potential of the play "O rapaz da rabeça e a moça Rebeca" followed by a debate as a strategy for Science Communication, we visited four schools where the show had been presented about six months earlier and conducted 25 interviews and 8 focus groups with a total of 72 students who had participated in the activity. The results indicate that the initiative was successful as a Science Communication strategy, as it connected with the reality of young students, it pleased them in different ways and stimulated - in some cases - reflections and conversations on the topic of STI, HIV/AIDS and sexuality among students and between them and their teachers and families.

Keywords: *Science communication. Public Engagement with Science. Science and Theater. HIV/AIDS. Youth*

1. Introdução

“Mas que tem a ciência a ver com a arte? Sabemos perfeitamente que a ciência pode ser motivo de diversão, mas nem tudo o que diverte tem cabimento num palco.” Com essa provocação, o dramaturgo alemão Bertolt Brecht (1978, p. 50) inicia a seção ‘O teatro e a ciência’ em *Estudos sobre teatro*, no qual expõe o seu projeto de teatro para a “era científica”. Ao longo de toda a sua carreira, Brecht manteve um diálogo estreito com a ciência, seja no seu modo de fazer e pensar o teatro, seja usando-a como inspiração em suas obras – *Vida de Galileu* é emblemática nesse sentido. Mas Brecht não foi nem o primeiro nem o único. A história das interações entre ciência e teatro é tão antiga quanto prolífica. O conhecimento científico, a vida dos cientistas, suas descobertas e seus dilemas éticos e morais têm inspirado dramaturgos ao longo de vários séculos, desde a Grécia Antiga até os dias atuais (ALMEIDA; LOPES, 2019). O interesse acadêmico por essas interações, no entanto, é mais recente e vem se intensificando nos últimos anos, a partir de um *boom* de obras teatrais que dialogam com a ciência, observado a partir dos anos 1990 (SHEPHERD-BARR, 2006).

Mas o que tem a ciência a ver com o teatro? “A relação da ciência com o teatro pode ser inicialmente pensada ao se considerar que o fazer científico apresenta em si uma natureza dramática, com suas controvérsias, disputas, ambição, argumentação, contra-argumentação, enfim, todos os elementos para uma excelente peça dramática” (LOPES, 2005, p. 402). No entanto, como enfatiza Lopes (2005), os registros tradicionais da ciência geralmente não captam e nem transmitem seu lado mais emocionante, construindo uma visão da ciência como racional, neutra e descontextualizada, e dos cientistas como seres frios, sem interesses e paixões, visão que tende a distanciá-los do restante da sociedade. Nesse sentido, o crescente investimento da divulgação científica nas interações entre ciência e teatro - e entre ciência e arte de forma mais ampla - tem sido uma forma de resgatar as convergências entre esses dois campos e, ao mesmo tempo, de ampliar suas possibilidades e estratégias, no intuito de alcançar um público maior e mais diverso, aproximá-lo do fazer científico e engajá-lo no debate público sobre a ciência.

No contexto da divulgação científica, o potencial comunicativo do teatro tem sido explorado e defendido de diversas formas, que vão além de uma representação mais fiel e menos fria da ciência e do cientista. Por meio do teatro, seria possível abordar temas científicos – muitas vezes duros e complexos – de forma envolvente (BLACK; GOLDOWSKY, 2000; RICHARDS, 2008; BAUM; HUGHES, 2010). O teatro permitiria explorar, de forma contextualizada, o lado controverso, ético e político da ciência, bem como o lado humano dos cientistas, com seus dilemas e conflitos pessoais (MOREIRA; MARANDINO, 2015). Guimaraes *et al* (2015, p. 1787) destacam a capacidade do teatro de “mobilizar emoções, propiciar experiências imersivas, explorar a fantasia e o encantamento e propor a cada espectador o desafio de imaginar-se em uma realidade simulada, real ou fictícia”.

Em meio à ampla defesa do teatro como forma de divulgar ciência e da grande diversidade de práticas que resultam, atualmente, das interações entre esta e o teatro - em termos de temáticas, formatos, motivações, dentre outros aspectos (ALMEIDA; LOPES, 2019) –, alguns autores têm pertinentemente advertido que o teatro não deve ser visto como um mero veículo pelo qual um conteúdo científico é transmitido ao público, pois essa visão desvaloriza a potência da linguagem teatral e condecora a ciência, colocando a primeira a serviço da última. Por ser uma prática coletiva e essencialmente interativa, o teatro não apenas transmite mensagens, mas permite ampliar outras habilidades humanas, como o senso crítico e o exercício da cidadania (GARDAIR; SCHALL, 2009).

No Brasil, parcela significativa das interações entre teatro e ciência ocorre em museus e centros de ciência, espaços privilegiados de divulgação científica. Comprometidos com a missão de divulgar ciência, no sentido de incluir, engajar e empoderar seus visitantes, e diante do desafio permanente de oferecer a eles uma programação diversa, dinâmica e sintonizada com as transformações sociais de seu tempo, vários museus de ciência têm investido em atividades cênicas (MOREIRA; MARANDINO, 2015; ALMEIDA *et al*, 2018). Embora alguns deles usem o teatro como ferramenta didática, privilegiando a transmissão de conteúdos científicos por meio das artes cênicas – repetindo um uso comum no ambiente formal de educação –, outros buscam um distanciamento desse uso ferramental, investindo no teatro como arte que faz refletir sobre a ciência e o ser humano e como elemento disseminador de capital científico e cultural (ALMEIDA *et al*, 2021).

Um destes espaços é o Museu da Vida, localizado na Zona Norte do Rio de Janeiro e vinculado à Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz). Fundado em 1999, tem como missão promover o diálogo público sobre ciência, tecnologia e saúde e seus processos históricos, visando à promoção da cidadania e à melhoria da qualidade de vida. Uma das formas de promover esse diálogo é por meio do teatro, integrado à programação do museu desde sua abertura e apresentado ao público em diferentes espaços, dentro e fora da instituição. As atividades teatrais do Museu da Vida são desenvolvidas pelo Ciência em Cena, formado por uma equipe multidisciplinar composta por artistas, cientistas e divulgadores da ciência, e que conta com um amplo repertório de produções sobre diversos temas e apresentadas em diferentes formatos.

Neste artigo, apresentamos os resultados do estudo de recepção conduzido com o público do espetáculo *O rapaz da rabeca e a moça Rebeca*, produzido pelo Ciência em Cena, em 2015. O objetivo da pesquisa foi o de analisar o potencial da peça como estratégia de divulgação científica entre estudantes de 8º e 9º anos do ensino fundamental, de escolas da rede municipal de ensino localizadas na Zona Norte do Rio de Janeiro, que assistiram à versão itinerante do espetáculo em seus colégios, em 2018.

1.1 Aids em cena

A principal motivação para a montagem da peça *O rapaz da rabeca e a moça Rebeca* pelo Ciência em Cena foram os dados divulgados pelo Programa Conjunto das Nações Unidas para o HIV/AIDS (UNAIDS), em 2015. Tais dados revelaram um aumento no número de casos de infecção por HIV entre os jovens no Brasil (BRASIL, 2015). Dado o forte e longo compromisso da Fiocruz com o tema da Aids e com a divulgação científica, decidiu-se integrar saúde e teatro para abordar a questão.

Assim, o Ciência em Cena uniu esforços com o Instituto Nacional de Infectologia Evandro Chagas (INI/Fiocruz) para a produção de uma atividade teatral com os objetivos de dialogar com o público jovem sobre a importância da prevenção e do tratamento de infecções sexualmente transmissíveis (IST), com foco no HIV/AIDS, e de reduzir preconceitos. Optou-se pela adaptação da obra de literatura de cordel *O rapaz da rabeca e a moça da camisinha*, escrita pelo poeta cearense José Mapurunga, e pela realização de um debate com o público escolar após as apresentações da peça.

A peça se passa na pequena cidade fictícia de Cantiguba-dos-Aflitos, onde João Tapeba e Rebeca Vanderlei vivem um romance proibido pelo pai da moça, o Visconde, rico e de família tradicional. Certo dia, no momento de sua primeira relação sexual – representada na cena por uma dança do casal manipulando um preservativo masculino, que Rebeca diz sempre levar consigo, o casal é flagrado pelo Visconde. Irado, Visconde expulsa João da cidade, mas ele promete voltar e se casar com Rebeca. Sem rumo, João sai pelo mundo tocando a sua rabeca e acaba se tornando um músico famoso. O tempo passa e, como prometido, João Tapeba retorna a Cantiguba-dos-Aflitos para se casar com Rebeca, mas a cidade é pega de surpresa com a notícia de que o músico está infectado com o vírus HIV e tem Aids. Visconde, que já tinha preconceito contra o rapaz, proíbe ainda mais incisivamente o relacionamento do casal. Mas eis que, de repente, surge o Pavão Misterioso falando sobre HIV/AIDS e dizendo que o que mata não é o vírus, mas a falta de informação e o preconceito. Visconde, tocado pelas palavras do Pavão, se redime e aceita o casamento de sua filha com João, dando-lhes de presente uma cartela de camisinhas. A peça termina com o casamento de Rebeca e João ao som de uma música alegre.

Apesar do tema e do enredo, a peça é descontraída, tendo o humor e a música, tocada e cantada ao vivo, como elementos centrais. O formato rimado do cordel original foi mantido e, junto com o figurino e as músicas, faziam referência ao Nordeste brasileiro. Buscando um contato mais direto entre os atores – quatro – e os espectadores, optou-se pela encenação da peça em formato de arena. Com estrutura simples, composta por quatro caixotes contendo os elementos cênicos e instrumentos musicais, a peça foi planejada para ser apresentada em outros locais fora do Museu da Vida. Tanto no museu quanto em sua versão itinerante, a apresentação da peça era seguida de um debate entre os atores e o público, momento em que os atores compartilhavam

informações sobre HIV/Aids e faziam uma demonstração com um preservativo. O público, por sua vez, podia fazer perguntas, compartilhar experiências e tecer comentários sobre a peça.

Dirigida por Leticia Guimarães, *O rapaz da rabeça e a moça Rebeca* estreou no Museu da Vida em dezembro de 2015. O espetáculo foi encenado na Tenda da Ciência Virgínia Schall entre 2015 e 2017, sendo visto por 3.712 visitantes. Além das apresentações no museu, a peça ganhou uma versão itinerante que, por meio de leis de incentivo à cultura em níveis municipal e federal, chegou a várias escolas e instituições dos municípios do Rio de Janeiro e Minas Gerais (ALMEIDA; LOPES, 2019). Nesta pesquisa, analisamos a recepção da atividade teatral completa, ou seja, a apresentação seguida do debate, em sua versão itinerante.

O rapaz da rabeça e a moça Rebeca é a terceira peça que aborda o tema HIV/Aids produzida pelo Museu da Vida. Em 1996, antes mesmo de sua abertura, o museu produziu *O diário de um adolescente hipocondríaco* e, em 2011, estreou a montagem de *Sangue ruim*. Isto revela um longo compromisso com a temática pelo teatro no museu, compromisso que também se estende para fora dele. O teatro de rua, por exemplo, tem desempenhado ao longo dos anos um papel importante no enfrentamento da epidemia de HIV/Aids no Brasil, sobretudo no que tange à conscientização e à geração de mudanças de atitude nas camadas mais vulneráveis da população (SOUZA; PORTO, 2004). Assim, pode-se dizer que o poder público encontrou, nessa forma de divulgação das informações sobre HIV/Aids, um aliado importante para as campanhas de promoção da saúde e vinha, inclusive, estimulando esse tipo de ação. A temática tem, ainda, inspirado a dramaturgia para além dos museus, do teatro de rua e das ações de promoção da saúde, ganhando os palcos teatrais dentro e fora do país (BRASIL, 2001; SOUZA; PORTO, 2004; PENNAFORT, 2019). Por meio da arte, tem sido possível abordar vários aspectos da epidemia e fazer frente às ondas conservadoras que ciclicamente acometem o Brasil, afetando negativamente os discursos e políticas de gênero e sexualidade no país (SEFFNER; PARKER, 2016; ABIA, 2019).

2. Referencial teórico

Pesquisas com foco na interseção entre ciência e teatro ainda são relativamente recentes e escassas na Divulgação Científica e, por isso, ainda não existem teorias consolidadas no campo para estudá-las. Assim, o referencial teórico utilizado para nortear esta pesquisa advém, além da Divulgação Científica, de outras áreas do conhecimento, tendo uma marca forte da interdisciplinaridade. Em função da natureza, dos objetivos e do olhar que direcionamos aos sujeitos da pesquisa, apropriamo-nos de conceitos basilares dos estudos culturais – do campo da Comunicação – e dos estudos de recepção teatral – do campo do Teatro.

Na perspectiva dos estudos culturais, o processo comunicativo é complexo, envolvendo sempre uma negociação de sentidos entre a intenção do emissor e a interpretação do receptor. Essa negociação ocorre com base nos repertórios socioculturais dos envolvidos no processo, de modo que o sentido nunca é inerente ao meio ou à mensagem. Nos estudos culturais, a recepção é considerada uma etapa ativa do processo comunicativo e está necessariamente atrelada ao contexto sociocultural em que ele ocorre. Assim, o receptor, dono de um repertório sociocultural próprio, é tido como um agente ativo na construção dos sentidos, tão importante quanto o emissor (ESCOSTEGUY, 2001).

Do ponto de vista da recepção teatral, o espectador também é um agente ativo na construção de sentidos e interpreta a obra teatral a seu modo, no momento em que o ato artístico se realiza, em um acontecimento vivo e coletivo (DE MARINIS, 2005; DESGRANGES, 2015). Para De Marinis (2005), a interação entre espetáculo e espectador é marcada pela produção conjunta de valores cognitivos e afetivos, sem imposições de um polo a outro, por meio de uma cooperação harmoniosa ou mesmo de uma negociação que pode ser até conflitiva. Nesse diálogo entre o espetáculo e o espectador, a que Guéneoum (2014) se refere como jogo teatral e o qual considera a essência do teatro, o espectador protagoniza um ato criativo, produtivo e autoral (DESGRANGES, 2003).

Por fim, no campo da Divulgação Científica, nos aliamonos ao movimento de engajamento público na ciência, que desponta nos anos 1990, na Europa, de uma preocupação em aumentar a participação da sociedade no debate público e na governança da ciência e como resposta a uma crise de confiança da população nas instituições científicas (MILLER, 2005; BROSSARD; LEWENSTEIN, 2010). Esse movimento levou a uma série de novas práticas no campo da Divulgação Científica, marcadas pelo diálogo. A visão de divulgação da ciência como exercício da cidadania e fortalecimento da democracia, implícita no movimento do engajamento público, faz emergir no campo o conceito de cidadania científica (CASTELFRANCHI; FERNANDES, 2015), ao qual também nos filiamos.

3. Desenho metodológico

A pesquisa aqui descrita tem abordagem qualitativa e caráter exploratório, ou seja, partimos de um tema ainda pouco explorado na literatura, sem hipóteses prévias. De acordo com Minayo (2001), a pesquisa qualitativa é aquela que trata dos significados, crenças, valores e atitudes; ou seja, de dimensões mais profundas das relações e fenômenos que não podem ser reduzidos a estatísticas. Ao nos debruçarmos sobre um objeto específico – a peça itinerante *O rapaz da rabeça e a moça Rebeca* – em um contexto particular – o das escolas da Zona Norte do Rio de Janeiro –, podemos também considerar que este seja um estudo de caso.

Como mencionamos, a versão itinerante da peça *O rapaz da rabeca e a moça Rebeca* foi apresentada em diversos espaços, inclusive escolas, dentro e fora do município do Rio de Janeiro, em 2017 e 2018. É válido mencionar que a versão itinerante da peça foi apresentada apenas em escolas públicas, como parte da política do Museu da Vida de priorizar as escolas que têm dificuldade para acessar museus e outros espaços culturais. Para selecionar as escolas participantes desta pesquisa, utilizamos o critério de proximidade com a Fiocruz, por dois motivos principais: a facilidade de acesso a elas e o desejo do Museu da Vida e da Fundação de estreitar os laços e prestar auxílio às comunidades que habitam o território em que a instituição está inserida. Portanto, compreender melhor a realidade dessas comunidades e o alcance de suas ações, na prática, é fundamental para a concepção de novas estratégias institucionais. Assim, foram selecionadas quatro escolas públicas localizadas em bairros adjacentes à Fiocruz, sendo duas de Olaria e duas de Bonsucesso. Todas elas haviam recebido a atividade teatral no primeiro semestre de 2018, cerca de seis meses antes da realização da pesquisa. Embora não tenhamos encontrado referências na literatura sobre estudos de recepção de médio prazo para estipularmos o momento ideal para a coleta de dados, consideramos seis meses um intervalo de tempo adequado para identificarmos o que de fato ficou marcado na memória dos estudantes e, assim, compreendermos como eles se apropriaram da peça em médio prazo. Além disso, havia um tempo limite para a realização do estudo, visto que os estudantes que viram a peça não estariam na escola no ano seguinte e seria muito difícil contatá-los sem a mediação da escola.

Nas quatro escolas, organizamos a coleta de dados da mesma forma: na parte da manhã, realizamos um grupo focal (GF) misto (meninos e meninas), com, no mínimo, cinco e, no máximo, oito participantes. Na sequência, conduzimos três entrevistas individuais apenas com meninas. Na parte da tarde, no mesmo dia, realizamos o mesmo procedimento, totalizando, nas quatro escolas, oito GF mistos (dois em cada escola) e 25 entrevistas individuais com meninas (sete na Escola 1 e seis em cada uma das outras três escolas), envolvendo um total de 72 estudantes, de entre 13 e 17 anos de idade, cursando o 8º ou 9º ano do Ensino Fundamental (ver Tabelas 1 e 2). O objetivo das entrevistas individuais com meninas foi aprofundar as questões de gênero que permearam a peça, por exemplo, o fato de a protagonista levar consigo um preservativo. Todos os GF e as entrevistas tiveram seus áudios gravados, com assentimento dos estudantes e consentimento dos responsáveis legais, totalizando 860 minutos de áudio, que foram posteriormente transcritos para análise.

Tabela 1: Dados gerais das escolas e grupos focais

Escola	Bairro	Data	GFs	Meninas	Meninos	Total
Escola 1	Bonsucesso	08/11/2018	GF1	5	3	8
			GF2	4	3	7
Escola 2	Olaria	09/11/2018	GF3	4	3	7
			GF4	3	2	5
Escola 3	Bonsucesso	21/11/2018	GF5	3	2	5
			GF6	4	1	5
Escola 4	Olaria	27/11/2018	GF7	2	3	5
			GF8	3	2	5
					TOTAL	47

Fonte: autores

Tabela 2: Dados gerais sobre as entrevistas

Escola	Entrevistas	Faixa etária
1	7	14-16
2	6	13-17
3	6	13-15
4	6	13-15
Total		25

Fonte: autores

Para analisar os dados, inspiramo-nos nos pressupostos da pesquisa qualitativa indutiva, utilizando agrupamentos em temáticas emergidas dos dados coletados e da busca por padrões na leitura e de interpretação do corpus. É importante reforçar que a análise foi baseada nos pressupostos teóricos apresentados na seção anterior, advindos dos estudos culturais, da recepção teatral e do engajamento público na ciência. Assim, consideramos os estudantes, consultados em seus contextos socioculturais específicos, e o seu papel ativo na interpretação e na construção de sentidos em torno da atividade teatral, buscando verificar de que forma esta reverberou em seus espaços de sociabilidade, com quais elementos mais se identificaram e o que ficou marcado em suas memórias.

4. Resultados

A partir da sistematização dos dados coletados, organizamos a análise em três eixos: lembranças, apreciação e repercussão, todos referentes à recepção da atividade teatral pelos estudantes consultados. Devido à similaridade dos resultados obtidos por meio das duas técnicas empregadas, optamos por apresentar conjuntamente a análise dos grupos focais e das entrevistas individuais. Quando houver discrepâncias entre relatos coletados por meio de cada um dos métodos, estas serão apontadas pelas autoras.

Lembranças

Este eixo da análise refere-se às lembranças que os jovens compartilharam da atividade teatral. Eles nem sempre diferenciaram a peça do debate, sobrepondo os dois momentos em seus relatos ou simplesmente tratando ambos como parte da mesma atividade – o que faz sentido. No entanto, para organizar melhor a análise, decidimos dividir, aqui, as lembranças dos estudantes em relação à peça e ao debate, começando pela primeira.

Em todos os GF e entrevistas, ao perguntarmos o que eles recordavam da peça que tinham visto seis meses antes, na escola, eles falavam, em linhas gerais, do enredo e de seus protagonistas: um casal apaixonado vivendo um romance proibido pelo pai da moça. A lembrança do personagem Visconde foi marcante na memória dos estudantes, que o apontaram como um pai castrador e preconceituoso.

Em diversos casos, ao mencionarem o enredo e seus protagonistas, lembravam-se que a peça tratava de Infecções Sexualmente Transmissíveis (IST) e da Aids, especificamente. Nos GFs, surgiram dúvidas sobre quem havia se infectado com HIV, Rebeca ou João; houve quem afirmasse que fora Rebeca a infectada. Também houve referências a uma suposta gravidez da protagonista. De modo geral, nos grupos focais, mas sobretudo entre as meninas entrevistadas, os jovens apresentaram uma lembrança de que Rebeca havia engravidado na história, algo que não aconteceu.

Os estudantes também revelaram lembrar-se de diversos elementos do espetáculo, entre eles o humor, o figurino, o vocabulário nordestino, as falas rimadas, a interação com os atores, os aparatos que compunham o cenário (caixotes e objetos retirados dos caixotes, como os instrumentos musicais), as músicas e as danças. Dentre esses elementos, o humor e a interação com os atores foram recorrentemente mencionados, como demonstrado pelo trecho a seguir, extraído do Grupo Focal 1:

Menina 1: As pessoas que tavam dançando lá.

Menino 1: É, ficavam dançando.

Menina 2: Eles [os atores] interagem com a gente.

Menina 1: Tudo sincronizado.

Entrevistadora: É? Vocês gostaram dos personagens e dos atores? Teve uma interação legal?

Quase todos juntos: Sim! Aham! Foi bem maneiro.

Menina 3: Foi engraçado também.

[...]

Menina 1: Foi engraçado, tia. Foi. [...]

Menino 2: Eles conseguiram fazer uma coisa séria virar engraçado pra gente poder aprender (GF1, Escola 1, 08/11/2018).

O detalhamento dos elementos teatrais foi a principal diferença entre as lembranças sobre a peça dos jovens nos GF e nas entrevistas, sendo maior nas últimas. As estudantes entrevistadas descreveram de forma mais minuciosa o figurino, as cores, as músicas e os personagens do espetáculo do que os participantes dos GF. Por outro lado, nos grupos focais, os detalhes iam surgindo conforme a conversa fluía, de modo que a lembrança de um estimulava as recordações dos outros.

No que tange ao debate, identificamos dois momentos mais marcantes da experiência dos jovens nessa parte da atividade. O primeiro foi o momento da demonstração da colocação do preservativo masculino com o auxílio de um pepino. O segundo foi o momento em que os atores passaram papéis em branco para os estudantes fazerem perguntas e comentários sem precisarem se identificar.

Quando o debate vinha à tona, a primeira reação em quase todos os GF foi a referência ao pepino, entre risadas debochadas e, por vezes, sinais de constrangimento. Observamos que a utilização do pepino para simular o órgão sexual masculino foi importante para a lembrança da atividade, de modo geral. Nos GFs, a recordação da demonstração ficou evidente, especialmente porque a consideraram inusitada e engraçada, como ilustrado no trecho a seguir, extraído do Grupo Focal 1:

Menina 1: Teve uma parte... [risos em sinal de constrangimento]. Que eu achei muito desnecessária. Mas tipo assim pros meninos... aí que horror!

[Muitos risos]

Menina 3: Na hora que ensina colocar a camisinha?

Menina 1: Isso! Que ensina colocar a camisinha no pepino... eu fiquei

Pensando: não acredito, cara, que vão fazer isso. Todo mundo rindo e eu: nossa, “que errado”. Depois disso fiquei uma semana sem comer pepino.

[Todos do grupo riem]

Entrevistadora: Por que você achou essa parte desnecessária?

Menina 1: Não é que foi desnecessário, foi engraçado.

Menina 2: Você olhava o pepino e ia lembrar. Quando for comer pepino. Na hora que for comer o menino vai ficar “hmm que nojo.”

Principalmente nos GF 1, 5 e 6, foi possível perceber a valorização do momento do debate, visto que foram as primeiras lembranças mencionadas. Nesses grupos, os jovens se recordaram imediatamente da demonstração e das informações a que tiveram acesso no momento do debate. Lembraram, por exemplo, da descoberta sobre os preservativos específicos para sexo oral, que muitos revelaram não conhecer anteriormente, como indica o trecho abaixo retirado do Grupo Focal 6:

Menina 2: Ah, sei lá. Eu descobri que tinha camisinha de dedo e língua nessa peça.

Meninas juntas: É! Sim!

Menino 1: E de boca né.

Menina 2: De língua né.

Menina 3: Eu não sabia que existia.

Menina 2: Eu também não, soube depois.

Já em relação aos papéis distribuídos pelos atores, os jovens revelaram entusiasmo em quase todos os grupos focais ao se recordarem desse momento e das perguntas lidas. Apesar de, no geral, não terem feito perguntas durante a atividade, dizendo que apenas prestaram atenção às perguntas feitas pelos colegas, o contentamento e o fato de se lembrarem espontaneamente dessa parte da atividade mostram que ela foi valorizada por eles, especialmente por poderem tirar dúvidas sem correrem o risco de serem identificados e julgados e sem ficarem com vergonha. Em todos os GF, sem exceção, houve menção ao momento dos papéis.

Apreciação

Neste eixo, analisamos a apreciação dos jovens consultados em relação à atividade teatral, ou seja, se gostaram ou não e do que gostaram mais ou menos.

De modo geral, a peça foi avaliada positivamente, por seu aspecto lúdico, bem-humorado e dinâmico, conforme demonstra o trecho a seguir do grupo focal 6:

Menina 4 GF6: Foi muito engraçado.

Menina 2 GF6: Foi muito legal essa peça!

Menina 1 GF6: Foi mesmo.

Entrevistadora: Vocês curtiram?

Menina3 GF6: Muito.

Menina 4 GF6: Sim.

Menino 1 GF6: Com certeza!

O debate também foi bastante elogiado por motivos semelhantes e também por seu caráter informativo, como ilustram os diálogos nos grupos focais 2 e 5:

Menina 3 GF2: A peça foi *mó* [sic] pra falar que tem que usar camisinha.

Menina 1 GF2: *Bom que ensina os garotos que não sabem ainda botar, a botar direitinho, ver se tá direitinho [grifos nossos].*

Entrevistadora: Vocês lembram o que vocês sentiram? Se gostaram...

Menina 1 GF5: Eu gostei.

Menina 3 GF5: Eu gostei.

Menina 1 GF5: Eu gostei porque eles deram uma lição de vida pra gente, pra gente crescer. Saber, né, tia? O que tem que usar, o que tem que não usar, né, tia? [...]

Menino 1 GF5: Tipo, algo muito sério, muito formal assim a gente não ia gostar e também não ia entrar muito na cabeça, aí ficou mais divertido e entender melhor...

Menina 1 GF5: Todo mundo gostou.

Por outro lado, houve também comentários negativos a respeito do conteúdo de algumas perguntas feitas, além de depoimentos sobre a falta de maturidade dos colegas para fazê-las e para discutir o tema de forma geral. Identificamos que tanto em relação à peça quanto ao debate, os jovens demonstraram ter gostado particularmente da interação com os atores.

Apesar da valorização do aspecto divertido da atividade teatral como um todo, os jovens reconheceram o seu caráter educativo, compreendendo que não se tratava de mero entretenimento. Observamos que, em geral nos GFs, a mensagem deixada pela atividade foi a própria intenção de educar e conscientizar sobre prevenção às IST. A partir dessas observações nos GF, foi possível compreender melhor as referências recorrentes feitas à atividade como uma “palestra”, que não carregavam sentido negativo, pelo contrário. Foi comum dizerem que a atividade era bem mais interessante do que as aulas tradicionais, ressaltando a importância de momentos como aquele na escola, em que a aprendizagem e o entretenimento se misturam.

Os jovens também ressaltaram a importância de uma atividade como aquela para tratar de um assunto “sério”, unindo “o útil ao agradável”. De acordo com eles, discutir temáticas como as IST e a sexualidade é importante, especialmente em sua faixa etária, isto é, na fase da adolescência, quando questões relacionadas a elas estão mais evidentes em suas experiências cotidianas. Verificamos, assim, que os jovens reconheceram o valor pedagógico da atividade e se

identificaram como sendo seu público-alvo, avaliando-a positivamente por seu aspecto divertido e informativo.

Repercussão

Neste terceiro eixo, analisamos se e como a atividade teatral repercutiu entre os estudantes, na própria escola e também fora dela, entre seus amigos e familiares. A ideia era saber se a iniciativa estimulou reflexões e conversas para além do momento em que ela ocorreu. Foi intrigante verificar que, enquanto nos grupos focais os relatos apontaram para uma repercussão tímida da atividade, as entrevistadas indicaram que ela gerou sucessivas trocas entre os estudantes e entre eles e os professores, após a sua realização.

Segundo as entrevistadas, a atividade teve repercussões positivas e diversas. As estudantes afirmaram, por exemplo, que a iniciativa gerou uma série de comentários e reflexões sobre temáticas relacionadas a ela. Nessa linha, uma entrevistada contou que a atividade proporcionou a ela novos conhecimentos, como o fato de existirem outros tipos de preservativo, como os específicos para sexo oral, e que suas amigas homossexuais falaram sobre isso após a atividade.

Menina 2 GF6: Ah, eu comentei com meus primos tudo!

Menino 1 GF6: Eu comentei também.

Menina 2 GF6: “Gente, usa camisinha! Tá aí, ein! Olha só, tem na farmácia, dá no posto...”

Menina 3 GF6: “Sabia que existe camisinha de língua?”

Entrevistada 19: Te juro, lá na sala só era isso. “Ah não sei o que, que que tu achou?” “Achei legal, que não sei o que, fala sobre o uso da camisinha e etc.”

Entrevistadora: Quais foram os comentários?

Entrevistada 19: Ah, foram todos né? Principalmente que as meninas que são lésbicas elas falaram sobre. Porque mostraram né, as camisinhas que não sei o que, que também se usam entre duas mulheres, aí foi um dos assuntos mais comentados.

Entrevistadora: E as meninas que são lésbicas gostaram de saber essa informação?

Entrevistada 19: É, gostaram porque aprenderam mais, né?

Entrevistadora: Você acha que elas não sabiam que tinha?

Entrevistada 19: Não, elas não sabiam.

Outras jovens entrevistadas relataram que a atividade repercutiu por uma ou mais semanas na escola, a partir de comentários feitos por alunos e professores participantes. Ao explorarmos as discussões entre os professores e os alunos a respeito da peça e do debate, ficou evidente que os professores com maior abertura para conversar sobre essas temáticas na escola são os professores de Biologia, nos quais geralmente recai a responsabilidade de abordar conteúdos relacionados à sexualidade e que, de algum modo, buscam introduzir o assunto das IST nas aulas.

No que se refere à repercussão da atividade no espaço extraescolar, observamos que a atividade rendeu discussão posterior com as famílias. Especialmente as jovens que revelaram possuir um diálogo aberto com os pais sobre sexo e sexualidade disseram que chegaram a casa já contando sobre a peça e o debate. Segundo essas entrevistadas, suas famílias apreciaram o fato de a escola promover esse tipo de atividade. Por outro lado, outras jovens, que revelaram não ter essa abertura com a família, disseram que tentaram introduzir o assunto em casa, mas sem muito êxito. Foi interessante notar que essas mesmas jovens também demonstraram se sentir menos à vontade na conversa com as entrevistadoras, como no caso da Entrevistada 21, que, com respostas curtas e diretas, disse que apenas comentou com os pais e que eles não estenderam o assunto. Outras sequer comentaram em casa que assistiram à peça.

5. Discussão

Ao analisarmos a recepção da peça *O rapaz da rabeca e a moça Rebeca* seguida de debate entre jovens da Zona Norte do Rio de Janeiro, constatamos que ela deixou marcas positivas em suas memórias, tendo sido lembrada como uma atividade divertida, informativa e relevante, já que as temáticas abordadas – HIV/Aids e sexualidade – lhes são caras, sobretudo nesse momento de suas vidas. Seus relatos também indicam que ela estimulou, principalmente entre as meninas, reflexões e debates posteriores na escola e em casa, demonstrando o potencial da iniciativa para engajar os jovens na discussão desses temas. Assim, a interação entre teatro e ciência, e particularmente teatro e saúde, concretizada no espetáculo aqui analisado, foi capaz de abordar um tema considerado sério e tabu de forma envolvente, corroborando Black; Goldowsky (2000), Richards (2008) e Baum; Hughes (2010) no que tange à interseção entre esses dois campos. Mas, mais do que transmitir conteúdo científico ou colocar a ciência em contexto, motivações comuns para unir ciência e teatro, o espetáculo foi capaz de mobilizar emoções e explorar a fantasia e a imaginação – conforme já observado por Guimarães *et al.*, 2015 –, ampliar o senso crítico e o exercício da cidadania – como apontado por Gardair; Schall (2009) – e, assim, impulsionar o capital cultural do seu público – potencial da interface ciência-teatro identificado por Almeida *et al.* (2021).

No que diz respeito às lembranças, foi interessante notar que, mesmo tendo se passado cerca de seis meses da atividade, vários de seus elementos ficaram marcados na memória dos

jovens. Eles foram capazes de resgatar boa parte do enredo e seus protagonistas, os principais temas abordados, elementos centrais da peça – como o humor e a música – e momentos-chave do debate – particularmente a demonstração com o pepino e as perguntas feitas por meio de papéis. As jovens entrevistadas lembraram algumas cenas com riqueza de detalhes, o que sugere que a atividade proporcionou uma experiência significativa para elas. O fato de recordarem da atividade como um momento de entretenimento conjugado com a aprendizagem de um tema que consideram relevante pode ajudar a explicar as lembranças vívidas da peça e do debate.

Outro aspecto pode estar relacionado às conexões que fizeram entre a peça e suas experiências de vida. Mobilizando conceitos dos estudos culturais (ESCOSTEGUY, 2001) e de recepção teatral (DE MARINIS, 2005), podemos dizer que os comentários feitos pelos jovens consultados, tanto nas entrevistas quanto nos grupos focais, indicam que eles encontraram na peça aspectos que puderam relacionar com suas vivências, seja em seu cotidiano escolar, em suas famílias, ou na sociedade, de modo geral. Uma dessas conexões ficou evidente em suas recordações marcantes da relação de Rebeca com Visconde, seu pai. Essa lembrança se associa aos relatos sobre a falta de abertura para o diálogo acerca do sexo e da sexualidade dentro de casa e sobre a proibição do namoro, por vezes imposta pelos pais. Outro exemplo identificado foi a construção de uma lembrança, por parte de alguns jovens, da suposta gravidez da Rebeca. O fato de terem construído essa lembrança pode não se tratar de um simples esquecimento ou engano já que, ao longo das conversas, os jovens revelaram que diversos colegas da mesma faixa etária já haviam tido filhos. Outros estudos com públicos de museus evidenciam essa relação entre memória significativa e as associações que são capazes de fazer entre os conteúdos acessados e suas experiências de vida. Uma pesquisa conduzida em 2001, por exemplo, com 79 visitantes de uma exposição itinerante do Museu de Ciência de Londres, mostrou que suas lembranças significativas, de longo prazo, foram de partes da exibição que conseguiram relacionar com experiências e conhecimentos prévios e com programas de TV (STEVENSON, 2001).

Nesse sentido, vale resgatar Ubersfield (1996, p. 334), quando afirma que a identificação com a ficção representada no palco é beneficiada, quando se colocam materiais e temáticas conhecidas pelo público que a assiste, porque “o universo ficcional posto à frente do espectador convoca seu referencial desse universo”. Verificamos, assim, que, ao participarem da atividade, os jovens se depararam com representações que associaram à sua realidade, sejam as atitudes das personagens, as roupas que utilizam, o tipo de música que escutam ou situações que enfrentam em seu dia a dia.

Além disso, o fato de os estudantes terem elogiado enfaticamente a interação com os atores ao longo da peça e do debate demonstra que houve, também, uma relação de empatia entre ator-espectador. Tudo isso denota uma troca entre os espectadores consultados e a ativi-

dade teatral, que extrapola a de identificação com os personagens, revelando uma forte adesão desse público à proposta, ao jogo teatral, revertida na formação de vários saberes, para além do conteúdo da obra (BARROS, 2002).

A partir das lembranças construídas, também cabe retomarmos aqui as considerações de De Marinis (1997) de que a relação espectador-espetáculo torna a audiência coautora da obra, visto que o espectador é um sujeito sempre ativo na construção dos significados, sendo “em efeito, o construtor, parcialmente autônomo de seus significados” (DE MARINIS, 1997, p. 26). Nossos resultados também corroboram Carneiro (2017), quando ele afirma que o lugar do espectador é construído na experiência única de cada pessoa que presencia o evento teatral, mas não se limita ao momento no qual ele ocorre, interligando experiências passadas e futuras.

Especificamente sobre o debate com os atores, observamos que, para grande parte dos jovens, esse momento foi valorizado por ser um espaço para se expressarem e tirarem dúvidas sobre temas relacionados à atividade. Por outro lado, o desconforto de alguns jovens com as perguntas feitas, os relatos de falta de maturidade para discutir os assuntos em pauta e as risadas desencadeadas pelas demonstrações com o pepino e o preservativo apontam para o fato de que o sexo e a sexualidade ainda são considerados tabus. Apesar das conquistas feitas no campo da sexualidade na esfera pública entre 2003 e 2011, como a criação do programa Brasil sem Homofobia e a união de pessoas do mesmo gênero ter ganhado o mesmo status da união heterossexual (VANAZZI, 2019; FRIOGOTTO, 2017), setores conservadores da sociedade têm ganhado força na última década (SEFFNER; PARKER, 2016; FRIOGOTTO, 2017). Nesse contexto, é importante mencionar o crescimento do fundamentalismo religioso cristão no Brasil, que ocorre, justamente, como refutação à flexibilização dos padrões de gênero e sexualidade, e que interpreta os movimentos feministas e LGBT como ameaça a seus valores tradicionais e, portanto, nega qualquer menção a gênero e sexualidade em espaços sociais (VANAZZI, 2019). Esse retrocesso recente pode ajudar a explicar o desconforto dos jovens consultados e a baixa repercussão da atividade relatada por eles. Nossos resultados, diante do cenário conservador atual, reforçam a necessidade de se intensificar a abordagem dessas temáticas nas famílias e nas escolas, a partir de uma perspectiva que vá além da biológica. Segundo Silva (2015), a perspectiva biológica da educação sexual é a mais encontrada em atividades sobre esses temas e, de acordo com nossos próprios dados, os alunos encontram mais espaço para abordá-los com os professores de Biologia.

A atividade teatral analisada buscou abordar o tema do HIV/Aids e da sexualidade de forma mais ampla, incluindo, além de discussões sobre o vírus, formas de transmissão e prevenção – especialmente no debate –, aspectos mais emocionais e psicológicos, como o amor de um casal sorodiferente e o preconceito sofrido por João Tapeba – sobretudo no enredo da peça. Nesse sentido, cabe destacar a repercussão da atividade, relatada pelas jovens entrevistadas, que refletiram

e discutiram sobre os temas abordados tanto com os amigos, na escola, quanto com os pais, em casa. Mesmo que não tenha sido ampla, é importante valorizar essa repercussão, dado o pouco espaço que os jovens encontram para debater o tema, especialmente no momento em que os casos de HIV/Aids aumentam entre eles.

Por fim, os resultados deste estudo corroboram e complementam os da pesquisa de Almeida e colaboradores (2021), realizada anteriormente com o público escolar e espontâneo do Museu da Vida, que participou da mesma atividade em 2016. Por meio da observação das apresentações e dos debates e de questionários preenchidos logo após as sessões, verificou-se que a atividade teatral agradou intensamente esses espectadores e que ela foi capaz de engajá-los no debate sobre HIV/Aids. As lembranças e recordações coletadas de espectadores que haviam visto a peça cerca de seis meses antes – o que foi feito na pesquisa aqui apresentada – reforçam e enriquecem esses dados, mostrando uma associação das memórias dos jovens da atividade com suas experiências de vida e revelando um impacto de mais longo prazo da atividade.

6. Considerações finais

Os resultados indicam que a peça *O rapaz da rabeca e a moça Rebeca*, seguida de debate, apresentada em escolas da Zona Norte do Rio de Janeiro para estudantes do 8º e 9º anos do ensino fundamental, funcionou bem como estratégia de divulgação científica, uma vez que se conectou com a realidade dos jovens, agradou-os em diferentes aspectos e estimulou, ainda, reflexões e conversas sobre o tema das IST, do HIV/Aids e da sexualidade, entre os estudantes e entre eles e seus professores e familiares – ainda que essa repercussão tenha sido relatada apenas por uma parcela dos jovens consultados.

Em concordância com o que a literatura tem apontado, nossa pesquisa mostrou que o teatro é uma linguagem capaz de mobilizar emoções e de despertar o interesse por temas que envolvem a saúde e a ciência. Também vimos que as artes cênicas são capazes de proporcionar aprendizagens que podem levar ao maior engajamento do público em determinadas temáticas científicas, reforçando o potencial do teatro como estratégia de divulgação da ciência.

Os dados apontados neste artigo permitem identificar potencialidades e dificuldades encontradas na utilização de uma atividade teatral de forma dialógica, voltada ao engajamento de jovens no debate sobre HIV/Aids. Os resultados indicam que o formato de arena tem bastante potencial com o público jovem, como forma de envolvê-los na apresentação, assim como o humor utilizado e as músicas tocadas ao vivo, que ficaram marcadas em suas memórias. A caracterização dos atores com figurino nordestino e com personalidades fortes também foi mencionada e valorizada pelos jovens entrevistados, assim como o enredo, capaz de atrair a atenção e a emoção deste público. Por

outro lado, alguns momentos do debate, feitos apenas de forma verbal, acabaram desaparecendo da memória dos jovens, evidenciando como a memória do enredo e de demonstrações visuais é mais intensa. Assim, acreditamos que os resultados desta pesquisa possam orientar a elaboração de novas estratégias de divulgação científica para engajar o público jovem.

No que diz respeito ao desenho metodológico, consideramos que nossa pesquisa traz algumas contribuições para os estudos sobre ciência e teatro no contexto da divulgação científica. Acreditamos que os métodos de coleta de dados adotados trouxeram uma complementaridade interessante, na medida em que os grupos focais deram uma ideia mais coletiva e geral da recepção, enquanto as entrevistas, além de reforçarem alguns dados sobre a recepção geral, acrescentaram uma perspectiva mais individual – e feminina – da mesma. Além disso, o fato de os dados terem sido coletados cerca de seis meses após a realização da atividade tornou possível identificar o envolvimento emocional e afetivo dos jovens, por meio do que ficou marcado em suas memórias.

Embora os métodos e estratégias descritos tenham suas limitações – por exemplo, não dão conta da recepção imediata da atividade –, eles vêm se somar a outros instrumentos já utilizados para analisar a recepção da mesma atividade no Museu da Vida, tais como fichas de observação e questionários, de modo que complementam os dados de pesquisas anteriores e, juntos, trazem novas evidências e reflexões para as investigações no campo. Assim, esperamos que a pesquisa aqui apresentada instigue novos estudos na interface ciência-teatro.

No que tange ao tema específico do HIV/Aids, a atividade estudada vem se unir a outras iniciativas artísticas que integram ciência e teatro em prol da promoção da saúde e de um debate mais plural sobre o assunto. Nesse sentido, nossos resultados indicam que a transposição do debate sobre HIV/Aids para os palcos não só tem cabimento e diverte, como defenderia Brecht, como também é necessária, sobretudo num momento de tentativa deliberada de silenciamento da discussão sobre o tema, enquanto o número de jovens infectados pelo HIV cresce.

Agradecimentos

Agradecemos toda a equipe do Museu da Vida/Fiocruz envolvida com a montagem da peça analisada, que deu todo o apoio e suporte a sua realização. Agradecemos também a Fundação Oswaldo Cruz pela bolsa concedida para o desenvolvimento desta pesquisa no âmbito do Mestrado em Divulgação da Ciência, Tecnologia e Saúde, da Casa de Oswaldo Cruz (COC/Fiocruz), e o CNPq pelo apoio financeiro dado ao estudo por meio da bolsa de produtividade PQ 313532/2018-4.

Referências

- ABIA. **Para ABIA, governo Bolsonaro propõe medidas que ameaçam a política de resposta à epidemia do HIV e da AIDS no país**. 2019a. Disponível em: <http://abiaids.org.br/para-abia-governo-bolsonaro-propoe-medidas-que-ameacam-apolitica-de-resposta-a-epidemia-do-hiv-e-da-aids-no-pais/32710>. Acesso em: 13 ago. 2021.
- ALMEIDA, C.; LOPES, T. **Ciência em Cena: teatro no Museu da Vida**. Rio de Janeiro: Museu da Vida/COC/Fiocruz, 2019. Disponível em: http://www.museudavida.fiocruz.br/images/Publicacoes_Educacao/PDFs/LivroTeatroCienciaemCena.pdf. Acesso em: 09 ago. 2021.
- ALMEIDA, C.; FREIRE, M.; BENTO, L., JARDIM, G.; RAMALHO, M.; DAHMOUCHE, M. Ciência e teatro: um estudo sobre as artes cênicas como estratégia de educação e divulgação da ciência em museus. **Ciência & Educação**, v. 24, n. 2, p. 375-393, 2018. <https://doi.org/10.1590/1516-731320180020008>.
- ALMEIDA, C.; BENTO, L.; JARDIM, G.; RAMALHO, M.; AMORIM, L.; FOLINO, C. O Teatro como estratégia de engajamento de jovens no enfrentamento da Aids. **Interface**, v. 25, e200402, 2021. DOI: <https://doi.org/10.1590/interface.200402>.
- BARROS, A, M, P. **A interatividade no teatro: o jogo entre atores e público para a construção do espetáculo**. 2002. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Comunicação Social) - Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2002.
- BAUM, L.; HUGHES, C. Ten years of evaluating science theater at the museum of science, Boston. **Curator: The Museum Journal**, v. 44, n. 4, p. 355–369, 2010. DOI: <https://doi.org/10.1111/j.2151-6952.2001.tb01175.x>.
- BLACK, D. R.; GOLDOWSKI, A. Science theater as an interpretive technique in a Science Museum. In: **Annual Meeting of the National Association for Research in Science Teaching**, 1999.
- BRASIL. Ministério da Saúde. **Teatro de rua contra a Aids: seis textos para serem encenados**. Fortaleza: Instituto de Saúde e Desenvolvimento Social, 2001.
- BRECHT, B. **Estudos sobre teatro** [Bertolt Brecht: coletados por Siegfried Unseld]. Tradução: Fiana Pais Brandão. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1978.
- BROSSARD, D.; LEWENSTEIN, B. A Critical appraisal of models of public understanding of science: using practice to inform theory. In: KAHLOR, L.; STOUT, P. (Orgs.). **Communicating science: new agendas in communication**. Nova Iorque; Londres: Routledge, 2010. p. 11-39.
- CARNEIRO, L. M. A construção do espectador teatral contemporâneo. **Sala Preta**, v. 17, n. 1, p. 20-47, 2017. DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.2238-3867.v17i1p11-38>.

CASTELFRANCHI, Y.; FERNANDES, V. Teoria crítica da tecnologia e cidadania tecnocientífica: resistência, “insistência” e hacking. **Revista de Filosofia Aurora**, v. 27, n. 40, p. 167-196, 2015. DOI: <http://dx.doi.org/10.7213/aurora.27.040.DS07>.

DE MARINIS, M. **Comprender el teatro**: lineamentos de una nueva teatrología. Buenos Aires: Galerna, 1997.

DE MARINIS, M. **En busca del actor y del espectador**: comprender el teatro II. Buenos Aires: Galerna, 2005.

DESGRANGES, F. **A pedagogia do espectador**. São Paulo: Hucitec; 2015.

ESCOSTEGUY, A. C. Os estudos culturais. *In*: HOHLFELDT, A.; MARTINO, L. C.; FRANÇA, V. **Teorias da Comunicação**: conceitos, escolas e tendências. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001. p. 151-170.

GARDAIR, T. L. C.; SCHALL, V. T. Ciências possíveis em Machado de Assis: teatro e ciência na educação científica. **Ciência & Educação**, v. 15, n. 3, p. 695-712, 2009. DOI: <https://doi.org/10.1590/S1516-73132009000300015>.

GUIMARÃES, L.; AGUILAR, P.; COSTA, T. Aprendiz de Feiticeiro e o duplo papel do teatro em um museu de ciências: a formação de plateia infanto-juvenil com engajamento nas descobertas científicas. *In*: **Congreso Red POP 2015** - Red de Popularización de la Ciencia y la Tecnología de América Latina y el Caribe, Libro de Memorias. Medellín: Parque Explora e Red POP, v. 1, 2015. p. 1786-1793.

GUÉNEOUM, D. **O teatro é necessário?** Tradução: Fátima Saadi. 1. ed. São Paulo: Perspectiva, 2014.

LOPES, T. Luz, arte, ciência... ação! **História, Ciências, Saúde – Manguinhos**, v. 12, p. 401-418, 2005. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0104-59702005000400021>.

MILLER, S. Os cientistas e a compreensão pública da ciência. *In*: MASSARANI, L.; TURNEY, J.; MOREIRA, I. C. (Orgs.). **Terra Incógnita**: a interface entre ciência e público. Rio de Janeiro: Casa da Ciência; Museu da Vida; Fiocruz, 2005. p. 115-132.

MINAYO, M. C. S. Estrutura e sujeito, determinismo e protagonismo histórico: uma reflexão sobre a práxis da saúde coletiva. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 6, p. 7-19, 2001. Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=63060102>. Acesso em: 09 ago. 2021.

MOREIRA, L. M., MARANDINO, M. Teatro de temática científica: conceituações, conflitos, papel pedagógico e contexto brasileiro. **Ciência & Educação**, v. 21, n. 2, p. 511-523, 2015. DOI: <https://doi.org/10.1590/1516-731320150020015>.

PENNAFORT, R. Em crescimento assustador entre os jovens, HIV é retratado em três peças no Rio. O Globo [Internet], 2019. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/cultura/em-crescimento-assustador-entre-os-jovens-hiv-retratado-em-tres-pecas-no-rio-23574628>. Acesso em: 27 abr. 2021.

RICHARDS, L. Teatro, mediadores, cientistas punk e visitas-guiadas: os altos e baixos da interpretação ao vivo no Science Museum de Londres. In: MASSARANI, L.; ALMEIDA, C. **Workshop Sul-Americano & Escola de Mediação em Museus e Centros Ciência**. Rio de Janeiro: Museu da Vida COC Fiocruz, 2008. p. 133-142.

SEFFNER, F.; PARKER, R. Desperdício da experiência e precarização da vida: momento político contemporâneo da resposta brasileira à aids. **Interface Comunicação, Saúde, Educação**, v. 20, p. 293-304, 2016.

SHEPHERD-BARR, K. **Science on stage: from Doctor Faustus to Copenhagen**. Princeton: Princeton University Press, 2006.

SOUZA, D.; PORTO, M. **Aids e teatro: 15 dramaturgias de prevenção**. Coleção Valores e Atitudes. Rio de Janeiro: Editora Senac Rio, 2004.

STEVENSON, J. The long-term impact of interactive exhibits. **International Journal of Science Education**, v. 13, n. 5, p. 521-531, 1991. DOI: <https://doi.org/10.1080/0950069910130503>.

Sobre os autores

Carolina Habergriç Folino

Carolina Folino é bióloga e mestre em divulgação científica pela Casa de Oswaldo Cruz, vinculado à Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz). Atualmente, atua como professora de ciências e biologia.

e-mail: carolfolino@gmail.com

Carla Almeida

Carla Almeida é jornalista e doutora em divulgação científica. Integra a equipe do Núcleo de Estudos da Divulgação Científica do Museu da Vida, vinculado à Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz).

e-mail: carla.almeida@fiocruz.br

Recebido em: abril de 2021

Publicado em: março de 2022
